REVISTA DA FUNDARTE
ANO 22
DEZEMBRO
NÚMERO 52
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
ARTE EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE ARTE PARA A EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

CONTRIBUTIONS OF ART TEACHING FOR EDUCATION: POSSIBLE DIALOGUES

Cristiane Lawall
Laura Ribero Rueda
Júlio César da Rosa Herbstrith

Resumo: O presente artigo aborda o processo de institucionalização do ensino no Brasil, as orientações da Base Nacional Comum Curricular, para o desenvolvimento integral do aluno construindo um diálogo entre os autores João Francisco Duarte Júnior e Elliot Eisner, apresentando aspectos nos quais a arte pode contribuir com o alcance dos objetivos traçados na BNCC. De acordo com os autores, o ensino de arte, quando apresentado de forma significativa, vem a contemplar os aspectos cognitivos, intelectuais e emocionais do aluno. Vivências sensíveis que se alinhem aos interesses do aluno no ensino da arte, mostram-se como importantes contribuintes para uma educação emancipatória para o educando, no sentido de que a arte não apresenta-se apenas como uma disciplina, mas também, como linguagem humana, uma área de conhecimento, patrimônio cultural e instrumento de expressão para o aluno. O ensino de arte, através da abordagem triangular, brevemente apresentada no texto, coloca-se como metodologia que contribui em diferentes aspectos da educação.

Palavras-chave: Educação. Arte/Educação. BNCC.

Abstract: This article addresses the process of institutionalization of education in Brazil, the guidelines of the National Common Curricular Base for the comprehensive development of the student building a dialogue between the authors João Francisco Duarte Júnior and Elliot Eisner, presenting aspects in which art can contribute to the achievement of the goals outlined in BNCC. According to the authors, the teaching of art, when presented in a meaningful way, comes to contemplate the cognitive, intellectual and emotional aspects of the student, sensitive experiences that are aligned to the interests of the student, in art teaching are shown as important contributors to an emancipatory education for the student. In the sense that art is not only a subject, but also a human language, an area of knowledge, cultural heritage and an instrument of expression for the student, art teaching through the triangular approach, briefly presented in the text, is a methodology that contributes to different aspects of education. Translated with www.DeepL.com/Translator (free version).

Keywords: Education. Art/Education. BNCC.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca fazer uma reflexão sobre possíveis contribuições da arte na educação, observando orientação da Base Nacional Comum Curricular, o contexto da educação no Brasil e a teoria de autores arte-educadores, que

estabelecem um diálogo que pode vir a contribuir para o alcance das diretrizes apresentadas no documento, o qual norteia a educação no país.

O ensino de arte vem buscando caminhos que possam contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento integral do aluno, com propostas de resgate do sensível, desenvolvimento de um pensamento crítico e capacidade de fazer escolhas, contribuindo para a construção de sua autonomia. Perceber de maneira sensível o mundo, bem como a maneira como nele estamos e nos relacionamos, apresenta-se como uma característica que pode vir a ser desenvolvida através de vivências sensíveis e significativas nas práticas da disciplina.

Desde o processo de industrialização, o ser humano vem sofrendo uma significativa perda de sua percepção sensível. Através do pensamento dos autores Elliot Eisner e João Francisco Duarte Júnior, empreendemos um caminho para a compreensão de possíveis fatores que colaboraram neste sentido e buscamos apresentar possíveis contribuições do ensino de arte para sua reconstrução.

1. PERCUROS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E A BNCC

Para fazer uma breve reflexão sobre como se deu o processo de institucionalização da educação no Brasil, vamos abordar o significado do termo educar: “Dar ou oferecer (a alguém) conhecimentos e atenção especial para que possa desenvolver suas capacidades intelectuais, morais e físicas”. Segundo dicionário online Michaelis, tal conceito irá nortear o pensamento que buscamos apreender neste texto.

Historicamente, a educação no Brasil esteve à serviço de classes sociais dominantes, segundo Duarte Júnior [1]. O autor aborda a educação em um contexto cultural, desenvolvendo reflexões entre a forma de educar “primitiva” e “civilizada”,

[1] João Francisco Duarte Júnior é Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas e docente no Programa de Pós-Graduação em Artes na mesma instituição.

onde a primeira é oferecida a todos os integrantes da tribo e transmitida às novas gerações, de forma informal.

Nas culturas ocidentais “civilizadas”, este processo acontece por meio de organização de espaços e horários específicos para esta finalidade, onde surgem instituições de ensino, as primeiras escolas, um local organizado para a transmissão de conhecimento e “domínio dos símbolos gráficos” às novas gerações, com o objetivo de “as habilitarem a melhorar seu desempenho no mercado de trabalho” (DUARTE JUNIOR, 1983).

No Brasil, a educação é, primeiramente, oferecida às pessoas que serviriam a coroa, estendendo-se mais tarde para alguns membros da realeza e burguesia, no intuito de garantir o direito ao voto. O acesso às instituições de ensino fica restrito às classes dominantes até o momento em que a indústria inicia seu processo de expansão, surgindo a necessidade de formar mão de obra para operar suas máquinas, o que faz com que o governo se interesse por ensinar o povo a ler e escrever, buscando alimentar o crescente mercado, o que indica uma orientação, exclusivamente técnica, às metodologias de ensino. Um ensino mais especializado ou abrangente era ainda privilégio dos níveis intermediários da sociedade, no comércio e nas atividades burocráticas da indústria.

De acordo com Demerval Saviani [2], a origem das instituições escolares no Brasil, data de 1549 com a chegada dos Jesuítas, período que estende-se até 1759, quando a reforma de Marquês de Pombal faz uma primeira tentativa de implantar escolas públicas estatais, nas então províncias, com orientação educacional, inspirada nos ideais iluministas, entretanto não chega a conseguir cobrir a abrangência das escolas jesuítas.

Ainda de acordo com Saviani, o período de 1827 a 1890, as tentativas de organizar a educação no país por parte do governo, ocorrem de maneira descontínua e intermitente, Saviani (2008). No período que segue, de 1890 a 1931,

[2] Dermeval Saviani é professor, filósofo e pedagogo, professor emérito da Universidade Estadual de Campinas.



o governo tenta implantar escolas primárias nos estados através de grupos escolares. Entre os anos de 1931 e 1961 acontecem então, as primeiras regulamentações dessas instituições em âmbito nacional, compreendendo escolas primárias, secundárias e superiores, as quais foram impulsionadas pelo novo ideário pedagógico renovador.

A partir deste período até os dias atuais, tem início um movimento na busca de unificação da educação no país, que abrange as instituições federais, estaduais, municipais e particulares, dentro de uma mesma legislação, no entanto, de acordo com autor, ainda foram sendo moldadas dentro uma concepção produtivista de escola.

Neste contexto, a Base Nacional Comum Curricular, em seu último documento datado do ano de 2018, busca delinear o conjunto de aprendizagens que possam garantir uma educação de melhor qualidade e como direito de todos, e para garantir o cumprimento do papel de cidadão por parte do aluno, apontando aqui a cidadania como um dever.

De caráter normativo a BNCC é um documento que define quais as aprendizagens essenciais que devem orientar as práticas pedagógicas nos estabelecimentos de ensino no país, visando formar os cidadãos para o trabalho, e prepará-lo para viver em sociedade organizada, através das dez competências gerais básicas, tendo como definição de competência a mobilização de conhecimentos que envolvam conceitos e procedimentos, desenvolvendo habilidades de caráter práticos, cognitivos e socioemocionais e ainda atitudes e valor que possibilitem ao aluno o direito ao pleno ao exercício da cidadania (BNCC, 2018).

Destas destacamos neste texto:

> 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
> 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.



> ...
> 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BNCC, pag. 9 e 10).

A construção do documento é embasada nos marcos legais da Constituição Federal de 1988, que em seu Artigo 205 reconhece a Educação como direito, embora como já citado anteriormente, em partes do seu texto esteja exposta como dever, que deve ser compartilhado entre estado, família e sociedade.

No Artigo 210, a carta constitucional estabelece que sejam fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, afim de promover "a formação básica à nível nacional, respeitando-se valores artísticos e regionais" (Brasil 1988).

No ensejo de unificação da educação ao nível nacional, a nova BNCC busca em seu texto, maior equilíbrio das políticas educacionais nas diferentes regiões do país, superando a fragmentação de políticas educacionais regionais, considerando a amplitude geográfica e características de desenvolvimento cultural do país. É preciso refletir sobre esta afirmação.

> Por isso uma educação que apenas pretenda transmitir significados que estão distantes da vida concreta dos educandos, não produz aprendizagem alguma. É necessário que os conceitos (símbolos) estejam em conexão com as experiências dos indivíduos. (DUARTE JÚNIOR, 1983, p. 25).

O autor nos chama a atenção para as grandes diferenças culturais dentro do país, aspecto que deve ser observado de maneira bastante atenta no ensino da disciplina de arte. O Brasil apresenta diferenças culturais significativas em cada região, "o gaúcho, o carioca e o nordestino, como pertencentes a subculturas diferentes; isto é: todos são brasileiros (possuem traços comuns), apresentam características bastante próprias de viver" (DUARTE JÚNIOR, 1983).

Neste sentido, o CNE Conselho Nacional de Educação promulgou em 2014, a lei 13.005 a qual reitera:



> estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa [União, Estados, Distrito Federal e Municípios], diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos(as) alunos(as) para cada ano do Ensino Fundamental e Médio, respeitadas as diversidades regional, estadual e local. (BRASIL, 2014).

Em seu texto, a BNCC estabelece que, embora diversos, os conteúdos curriculares devem estar ao serviço do desenvolvimento das competências e diretrizes comuns a todo ensino básico, conforme estabelecido no Artigo 26 da LDB:

> os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996; ênfase adicionada).

Tal determinação orientou o desenvolvimento das diretrizes nacionais traçadas pelo Conselho Nacional de Educação no ano de 2000, e revisadas no ano de 2010, quando foi contextualizado o conceito “a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade” (BNCC pag. 11).

Sob tais marcos legais o CNE reafirma a necessidade de uma base nacional comum curricular para todo o país, e em 2017, a lei 13.415 estabelece o uso das nomenclaturas:

> Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento [...] Art. 36. § 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino. (BCNN pag. 12).

No âmbito particular da disciplina de Arte, para os anos finais do ensino fundamental, o qual trata esta pesquisa, a base determina que é “preciso assegurar

aos alunos a ampliação de suas interações com manifestações artísticas e culturais nacionais e internacionais, de diferentes épocas e contextos (BNCC), e ainda propor experiências que relacionem diversas linguagens, permita uma maior sistematização do conhecimento, que estimule o educando à maior autonomia, considerando a cultura do público jovem.

Das habilidades que deve promover a disciplina de Artes, estão determinadas no texto:

> **(EF69AR01)** Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
> **(EF69AR02)** Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço.
> **(EF69AR03)** Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.), cenográficas, coreográficas, musicais etc.

No que trata das linguagens de artes visuais, o texto orienta que devem ser proporcionados aos alunos “Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc). na apreciação de diferentes produções artísticas” (BNCC), assegurando que tenham a possibilidade de experimentar diferentes formas de expressões artísticas, desenvolver processos de criação de modo individual, coletivo e colaborativo, dialogando com princípios conceituais, proposições temáticas e repertórios imagéticos, desenvolvendo condições de diferenciação das “artistas, artesãos, produtor cultural, curador, *designer*, entre outras, estabelecendo relações entre os profissionais do sistema das artes visuais” (BNCC).

2. O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA

Como visto no capítulo anterior, a educação no Brasil tem tido, ao longo de sua história, um caráter predominantemente formativo técnico, característico de uma educação colonialista, que desenvolve-se com o intuito de formar pessoas capazes de produzir bens de consumo, e sobrepondo a visão de mundo do colonizador.

No campo da arte, a educação foi orientada por um longo período unicamente ao desenho, tido como tão relevante quanto o desenvolvimento da escrita e leitura, no entanto é importante observar que, por diferentes períodos, a linguagem do desenho foi desenvolvida através de cópia e treino do traço, com objetivos exclusivamente técnicos, variando entre os períodos positivistas e liberais, suas formas de ensino, entre a cópia de estampas, treino de formas geométricas e desenho de observação de formas da natureza.

Somente na segunda década do século XX começam as investigações sobre os aspectos psicológicos do desenho, principalmente o infantil, quando às práticas pedagógicas começam a voltar-se para seu estudo e desenvolvimento. O processo acontece lentamente, e nos ensinos fundamentais e médios, as aulas de artes ainda resumem-se à prática do desenho, voltado a desenvolver a capacidade de representação, para atender às necessidades das indústrias que crescem, fortemente, no período após a Primeira Guerra Mundial, quando o país deixa de importar insumos e precisa produzir, internamente, seus bens de consumo, e o ensino das Belas Artes, como era compreendido, era restrito às camadas mais nobres da sociedade.

As Escolinhas de Arte, que tiveram início em 1948, no Rio de Janeiro por Augusto Rodrigues, foram umas das primeiras iniciativas de uma educação voltada para o fazer artístico, no cenário escolar estavam limitadas às classes privilegiadas, que tinham acesso à conservatórios e academias (DUARTE JÚNIOR, 1983). Nas escolas, a disciplina de Arte esteve, na maior parte do tempo, vinculada à uma

habilidade, como desenho geométrico, artes domésticas, industriais ou manuais, não abrangendo seu contexto e valor histórico.

A lei 5.692 de 1971, que representa o desejo de que a educação acompanhasse o desenvolvimento do restante do mundo, instituí a disciplina de educação artística, mas na prática não havia estrutura econômica ou humana para que o intuito tivesse sucesso. A preferência de recursos se dava para as disciplinas que eram consideradas de maior importância, técnicas na sua maioria, visando formar mão de obra para a indústria que crescia fortemente.

Os cursos de formação de professores que iniciaram após esta lei, buscavam formar profissionais com conhecimento e competência em múltiplas linguagens artísticas como música, teatro e artes plásticas, em um período extremamente curto de aproximadamente, dois anos. Muitos professores de outras áreas acabavam dando aulas de arte, quando não ocupados, no seu pouco espaço na escola para reforços de outras matérias.

Embora as diretrizes de 1996 tornem obrigatório o ensino de artes em toda a educação básica, ainda é um grande desafio torná-la de qualidade. Muitas vezes seu espaço do currículo é o mínimo necessário para o cumprimento da legislação. O trabalho de arte educadores vem conseguindo através de árdua luta, e constante pesquisas, ampliar este espaço e conquistar melhores condições de aplicação, mas o atual contexto político oferece grande desafio a educação e as artes, pois a censura volta a ser aplicada, e o acesso a cultura dificultado, por meio do aumento de impostos e corte de verbas.

Ainda presenciamos professores de outras disciplinas atuando como professores de arte. Devemos nos perguntar o que nos leva a julgar que qualquer formação capacita o professor a dar aulas de arte? Nossa área de conhecimento tem um papel importante, também, na garantia de permitir ao aluno o seu acesso ao patrimônio histórico e cultural da humanidade. Acessar e interpretar este patrimônio deve ser garantido pela nossa disciplina, e para tanto as metodologias podem proporcionar uma educação em arte que faça sentido ao aluno e que o possibilite

até uma compreensão do mundo, de maneira mais crítica. De acordo com Duarte Júnior, a educação em arte não objetiva formar apenas artistas, mas que permita ao educando conhecer o mundo de forma sensível, e para tal objetivo, a educação tem na arte uma importante aliada (DUARTE JUNIOR, 1983).

Desenvolver a capacidade de compreensão de mundo crítica e sensível por parte do aluno, para capacitá-lo a ser e estar no mundo não representa o abandono da expressão pessoal e regional, mas sim a contextualização destas, dentro de uma concepção mais ampla, relacionando com a arte do mundo, produzida em cada um de seus períodos históricos.

> Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, classes sociais e períodos históricos e as outras produções do campo artístico (artesanato, objetos, design, audiovisual etc.), o educando amplia a sua concepção da própria arte e aprende a dar sentido a ela. Desse convívio decorrem, portanto, conhecimentos que desenvolvem o seu repertório cultural, mas acima de tudo possibilitam-lhes a apropriação crítica da arte, aprender a identificar, respeitas, e valorizar as produções artísticas, e compreender que existe uma poética individual dos autores e diferentes modalidades de arte, tanto eruditas quanto populares. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 19).

Esta reflexão da autora nos possibilita compreender o equívoco que pode ser um olhar simplório para o ensino das artes, nos inspirando a buscar diferentes produções culturais e artísticas e relacionar com as vivencias dos alunos, proporcionando um ensino de artes significativo que venha a refletir no desenvolvimento do aluno de um modo completo.

Neste sentido ainda, se faz imprescindível lembrar o percurso que área de conhecimento em arte educação vem traçando, e ter sempre em mente que desenhar, pintar, colar, recortar, enfim produzir arte vai além de apenas extravasar emoções. É desenvolver a capacidade de decidir, de criar relações objetivando expressar um sentimento, um pensamento, uma posição política ou uma postura pessoal diante do mundo.

A abordagem triangular de Ana Mae Barbosa apresenta-se como potente instrumento capaz de oferecer recursos para que o aluno desenvolva tais capacidades. ´É uma busca que precisa estar sempre renovando-se, o que hoje torna-se menos complexo, pelo fato de termos mais acesso a materiais tanto de obras de arte e artistas, como arte educadores. Tão importante quanto fazer, é como fazer, utilizar metodologias de arte/educação que envolvam a leitura de imagem e sua contextualização que nos permita refletir sobre diferenças culturais, sociais e éticas.

A disciplina de Artes, no período do ensino fundamental, que compreende o início da adolescência, que muitas vezes não encontra espaço para colocar seus sentimentos em relação ao seu meio, apresenta-se como um desafio para a disciplina, que pode ser superado através da busca por envolver o conteúdo com temas que apresentem significados para tal faixa etária, permitindo que os educandos se apropriem e orientem as nossas escolhas. Uma vez que o adolescente mostra-se já observador crítico aos padrões sociais e acontecimentos à sua volta.

> Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2012, p. 19).

De acordo com a autora, o ensino de arte na escola tem grande potencial de desenvolver a capacidade crítica, o que permite ao educando analisar a realidade em sua volta, e através de seus processos de criação, desenvolver a autonomia e criatividade, de maneira a mudar esta realidade observada. Seria o desenvolvimento da habilidade de ser e estar no mundo de maneira consciente e transformadora.

3. O REDESPERTAR DO SENSÍVEL

Desde os tempos mais remotos, a humanidade utilizou-se da arte para expressar seus conhecimentos e cultura. Garantir o acesso e a compreensão da arte

em suas formas e conteúdo é um dever da educação, e seu acesso constitui direito do cidadão, direito talvez negado conscientemente, pelas classes dominantes, uma vez que a arte é instrumento de emancipação, por capacitar o indivíduo para uma existência crítica e autônoma.

Este capítulo busca traçar um percurso pelo qual nós, enquanto seres humanos, fomos perdendo nossa sensibilidade, realizando um diálogo entre o pensamento de João Francisco Duarte Júnior e os caminhos para a redescoberta desta sensível, de acordo com o pensamento de Eliot Eisner.[3]

Podemos iniciar observando o espaço que configura nosso lar, antes repletos de recordações e memórias, com a contemporaneidade tornou-se mais prático e funcional, perdendo o contato com a afetividade das lembranças do passado, a decoração torna-se mais impessoal, um aspecto que se estende aos ambientes públicos e de trabalho.

Com espaços menores e a necessidade de que a vida seja cada vez prática, abandonamos o andar por andar, de acordo com Duarte Júnior. No estilo de vida contemporâneo, caminhar é algo que se faz com um objetivo que justifique o emprego deste tempo, no entanto ainda observa o autor, o andar mais livre em ruas, jardins e praças, é uma forma de conexão do ser humano com a natureza, o que nos reporta à filosofia, os peripatéticos, filósofos que praticavam o ato de filosofar enquanto andavam.

Ainda de acordo com o autor, a sensibilidade e empatia, também, perde-se hoje pelo fato de que não conversamos mais sem um propósito maior, um objetivo relacionado a alguma necessidade, e apesar de estarmos cada vez mais acessíveis pelos meios eletrônicos, nesta objetividade, as conversas se encurtam, quase nunca podemos jogar conversa fora, e acabamos por nos privar muitas vezes deste prazer, que é tão essencial ao ser humano, ser social (DUARTE JUNIOR, 2001)

[3] Eliot Eisner é professor de arte/educação na Universidade de Stanford.



No campo dos sentidos físicos como paladar, tato e o olfato, no momento em que industrializamos o alimento perdemos o contato com os cheiros, sabores e texturas naturais. Os aromas e sabores são criados em laboratórios de forma sintética, e não permitem que possamos sentir a riqueza das texturas, cheiros e sabores que estimulam o ver, cheirar e tocar o mundo para melhor e mais completamente apreendê-lo. Após ampla reflexão sobre tais aspectos em sua obra *"O Sentido dos Sentidos a educação do sensível"* Duarte Júnior ressalta a necessidade de se propor uma redescoberta da sensibilidade humana.

Em palestra realizada em 2002 na Universidade de Stanford, Estados Unidos, o autor Elliot Eisner discorre sobre diversos aspectos nos quais a arte pode contribuir com a educação, no sentido de desenvolver todo o potencial do humano para o bem-estar de si mesmo e da sociedade.

Eisner reforça em seu texto, a ideia de que a educação tecnicista, que acompanhou a revolução industrial, nos levou a desenvolver relações calculadas e racionais, a ser produtivos e competitivos, e todos os esforços na área da educação seguem no sentido de preparar o aluno para estar no mundo de maneira produtiva.

De acordo com Elliot Eisner, nos processos de criação que envolvem a arte/educação, quando o aluno faz um desenho ou pintura, ele precisa criar relações que serão pensadas afim de chegar à um produto final satisfatório, entre infinitas possibilidades, ele precisa fazer julgamentos acerca de suas qualidades, precisa escolher criticamente os elementos ou materiais que irá usar, esta é uma das faculdades que pode ser desenvolvida pela arte, a de fazer escolhas e julgamentos de qualidade relacionadas ao objetivo (EISNER, 2002).

No movimento de imaginar, compor e criar o aluno vivência possibilidades de relações sem necessária fidelidade à alguma fórmula, sem regras, ele apenas segue seu estilo de trabalho, neste momento então, a arte o está ensinando a prestar atenção aos detalhes, a agir avaliando as consequências e repensar suas escolhas, movimentando suas sensibilidades e as refinando tanto mais forem estimuladas e propostas atividades de criação.



A flexibilidade é trabalhada nas escolhas das relações e estimula a formulação de objetivos, ele busca algo para chegar a um resultado, que pode vir a mudar também durante o processo, situações que emergem das relações criadas podem sugerir também novos resultados, esta surpresa pode ser apreciada em propostas que não estejam presas à objetivos rígidos, característica de uma educação mais técnica, mas inimiga da criatividade necessária para o conhecer o novo o suas possibilidades (EISNER, 2002).

Ainda de acordo com o autor, outro aspecto em que a arte pode contribuir na educação refere-se a maneira como apresentam-se as vivências, trazendo a reflexão de que a forma como algo, ou assunto é proposto, ou realizado acaba por influenciar fortemente na sua compreensão por parte do educando, a forma como algo é dito, é parte daquilo é dito, o ritmo, como uma poesia é apresentada, muda o significado da sua mensagem, a forma como é aplicado um material pode mudar a estética da obra, uma escola pode ser pensada para acolher e promover ou para simplesmente formar, como uma linha de produção.

Relacionado à forma de proposição dos aprendizados, estão a maneira como somos capazes de aprender os limites da nossa cognição, ainda segundo Eisner (2002) está restrito aos limites da nossa linguagem. Não conseguimos dizer tudo com palavras, precisamos de música, poesia, movimentos para expressar a grandiosidade e complexidade dos sentimentos humanos.

Além da forma, a arte nos ensina a ter atenção aos meios pelos quais podemos chegar aos nossos objetivos, precisamos pensar nas possibilidades e restrições que um instrumento musical ou material artístico apresenta. Com argila trabalhamos a escultura através da adição, o contrário da madeira ou pedra que é necessário ser esculpida, extraída para chegar a forma que desejamos.

A busca pela satisfação estética que permeia o trabalho artístico tanto no adulto quanto na criança assegura seu envolvimento, a sensação de vitalidade as emoções que envolvem um fazer artístico, desperta todos os seus sentidos, coloca a criança em contato consigo mesma, fazendo com que se sinta inteira, íntegra.



> A sensação de vitalidade e a onda repentina de emoção que sentimos quando tocados por um dos tipos de arte também pode ser obtido nas ideias que exploramos com alunos, nos desafios que encontramos ao fazer investigação crítica, e na fome de aprender que estimulamos. No longo prazo, estas são as satisfações que têm maior importância porque são as únicas que garantem, se é que há alguma garantia, que os alunos vão querer buscar voluntariamente o que ensinamos, depois que os incentivos artificiais tão presentes em nossas escolas tiverem sido há muito esquecidos. (WEISNER, ELLIOT W., 2002, pag.17).

De acordo com o autor, a arte serve como modelo para a educação, quando busca tornar envolvente e pessoais as práticas de ensino, não restringindo-se apenas às chamadas belas artes, mas promovendo formas de experiências especiais, que buscam garantir que o aluno busque, voluntariamente, pelo que a escola oferece.

Ainda sobre a potencialidade da arte na educação, Ana Mae Barbosa, defende que uma sociedade não pode desenvolver-se de maneira sustentável se negar ao indivíduo a possibilidade de capacitar-se a não ser um estranho em seu ninho:

> A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2012, pag. 19).

Ana Mae é criadora da abordagem triangular, acima citada, considerada mãe do ensino de arte no Brasil, com extensa e indispensável obra que orienta para práticas significativas, baseadas nos interesses dos alunos, para que não sejam apenas repetições ou mesmo ações vazias de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre os caminhos percorridos para a institucionalização do ensino no Brasil, seus aspectos norteadores, e o contexto da escola atual, e ainda nas



orientações de seu documento normativo, a BNCC, pensamos que os conceitos apresentados no texto, reafirma que o ensino das artes tem muito a contribuir no desenvolvimento do aluno na escola, uma vez que suas metodologias contemplem não somente os aspectos cognitivos e intelectuais, mas também desenvolvam a autonomia do aluno.

Embora tenhamos desenvolvido documentos no sentido de orientar as práticas disciplinares à um ensino de forma integral, ainda nos falta envolver o aluno de forma sensível, reflexiva e crítica, em aspectos nos quais, de acordo com o diálogo com os autores abordados neste texto, demonstram potencialidades do ensino de arte que podem vir a contribuir com outras áreas do currículo escolar.

De acordo com os autores, houve um processo desta perda da sensibilidade que acaba limitando a percepção de mundo do aluno, mas que existem caminhos possíveis para que seja feito este resgate e, neste sentido, a educação através da arte pode vir a contribuir. Neste sentido a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa vem a contemplar, de forma integral, os aspectos sociais nos quais uma obra é desenvolvida, o que permite ao aluno uma melhor compreensão de seus significados a leitura desta obra, que contribui para sua alfabetização visual e o fazer artístico, que desenvolve aspectos críticos e sensíveis apresentados no texto.

Como nos indica Paulo Freire, a educação emancipatória das classes populares deve ser uma luta permanente da educação. Apresentar ao aluno, não somente um artista e sua obra, mas possibilitar que ele adquira condições de compreender a produção artística de seu tempo e de outros, desenvolve condições para que ele compreenda melhor o mundo, a sociedade e a si mesmo, promovendo, assim, a construção de sentido de mundo para o aluno, percebendo a Arte como uma área de conhecimento, além de uma linguagem humana.



Referências:

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae Tavares. *A Imagem no Ensino da Arte*: Anos Oitenta e Novos Tempos. São Paulo. Perspectivas, 2005.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O Sentido dos Sentidos a educação do sensível.* Curitiba, PR: Criar, 2001.

EISNER, ELLIOT W. *O que a educação pode aprender a partir da arte sobre a prática da educação?* Currículo sem Fronteiras, v. 8, n. 2, p. 5-17, 2008.

FERRAZ, Maria Heloísa C. T.; FUSARI, Maria F. R*. Metodologia do Ensino de Arte.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. 1996 25ª ed.